

Meu caro

João Moura

Excelso Candidato à Presidência da Comissão Distrital

Do PSD Santarém

Acabo de ler o seu manifesto à presidência da distrital do PSD de Santarém e pasmo. Bom, diria mais, arrasou-me. Pérola igual há muito que não me passava por estes olhos cansados de ler lugares comuns, ou fórmulas repetidas do género ‘Emita-se Licença’, ‘Autorizo’, ‘Indefiro’, expressões da pobreza literária que habita os quotidianos de qualquer autarca. É, por isso, que no meio desta crueldade que hesita entre um verbo imperativo e um pouco mais rebuscado ‘proceda-se em conformidade e nos termos legais’, a prosa do seu Manifesto seja um momento de alegria, um oásis, neste deserto de palavras escritas que cruzam os meus quotidianos.

A sua prosa fez um prodígio. Remeteu-me directamente, com saudade infinita, para Eça de Queirós e não posso deixar de reconhecer que, se o magnífico escritor apanhasse o seu texto à mão, chamava-lhe um figo. E de si, seguramente, faria um dos deputados que ele magistralmente criou. O seu Manifesto não é um texto político. É prosa cuja beleza inconfundível só encontro nas eloquentes palavras do manhoso Conde d’Abranhos. Ainda bem que o meu caro escreveu este texto cem anos depois da morte do insigne escritor e com referências bem actuais para ninguém ousar admitir o plágio. Mas é seguramente um herdeiro. Não só da vitória de Luís Filipe Menezes mas também de Eça. Digo bem, um herdeiro!, do que mais vazio e inócuo o nosso Abranhos pariu. Essa grande figura do Estado que não se ficou por deputado, chegou a ministro e a ministro da marinha, muito embora não gostasse do mar, embora o sogro, juiz de maus fígados, só o tratasse por pascácio!

O Manifesto é, portanto, um ponto doutrinário do não dizer nada. Não é uma vírgula, não é uma interrogação. É um ponto. E dramaticamente um ponto final. Não acrescenta nada aos discursos do liberalismo retórico que empanturravam de gozo Eça de Queirós e seus amigos de tertúlia. Redondo, redondinho, sem programa nem sentido, igual, preguiçosamente igual a todos os discursos que lhe ouvi, e devo confessar a

minha infelicidade por apenas o ter ouvido duas vezes, à pressa, entre duas colheradas de arroz doce. Nem o oportunismo é novidade. O facto de procurar alinhar a sua candidatura com a candidatura de Luís Filipe Menezes é de aplaudir. Alguém com ambições no terreno político deve sempre surgir do lado dos vencedores, pelos vencedores e, se possível, amesquinhando os vencidos. E aqui, o meu caro amigo, excedeu-se. Querendo atazanar os vencidos, atazanou também muitos dos seus companheiros que consigo partilharam a jornada eleitoral de Menezes. E o ponto é este. Percebi que se V.Ex<sup>a</sup> ganhar a Comissão Distrital estarei impedido de me recandidatar à Câmara Municipal de Santarém. É certo que me ajuda. Não me puxa o pé para essa decisão. Mas mesmo que por razões que agora não me ocorrem, decidisse essa nova candidatura, como podia fazê-lo, sabendo que o meu caro, condiciona qualquer cidadão, por si apoiado, a saber de cor e salteado **‘o valor de um quilo de arroz ou o preço do bilhete do comboio entre o Entroncamento e Santa Apolónia’?** Aliás, nem fica margem para dúvidas, pois em enérgico **bold**, assume que quem sabe estes preços são **‘os melhores, mais capazes, com mais talento, com provas dadas de trabalho efectivo no terreno’, gente que faz, que faz acontecer, gente com provas dadas nas suas vidas de trabalho’.**

A prosa é magnífica, bons atributos, e como deve ser de bom tom sem especificar o que é ‘ser mais capaz’, qual é o ‘talento’, o que é que essa ‘gente faz’, e sobretudo ao entrar no domínio da ontologia ‘faz acontecer’, nem quais são as ‘provas dadas nas suas vidas de trabalho’. Eu não estou seguramente neste grupo. Pela simples e despudorada razão, pela ignorância política e ética de não saber o preço do tal bilhete de comboio. E confesso já, perdido de culpas e penitências, que desconheço por completo o preço do quilo de arroz. Estou definitivamente entre os incapazes, sem talento, incapaz das provas de trabalho que o meu caro tem dado sobejamente.

Por outro lado, pelo que vejo e me vão contando, V.Ex<sup>a</sup> é não só o legítimo herdeiro de Luís Filipe Menezes, mas também o depositário do velho mas sempre presente espírito dos políticos da Regeneração, que eu estimo e aprecio para as minhas ficções, mas que Guerra Junqueiro, um poeta atravessado, e que lhe digo desde já não subscrever, considerava tão iguais, tão vazios, tão nulos como as duas metades do mesmo zero. Os seus adversários criticam-no porque terá ganho uma eleições a que se candidatou por tê-las agendado para uma noite de Natal, com estadias pagas no hotel aos seus correlegionários, e assim, no pérfido linguajar dos seus oponentes, garantir uma vitória incontestável. Não alinho nessa má língua. Confesso que considero

brilhante fazer coincidir a sua vitória com a noite em que nasceu o Menino. A carga simbólica é por demais evidente, aproximaram-no de uma espiritualidade profunda, infelizmente arredada dos seus companheiros que à mesma hora se alambazavam de bacalhau e outras iguarias, ignorando o acto eleitoral tão natalício que V.Ex<sup>a</sup> no seu empenho bíblico acabara de organizar. Também não alinho nessa má língua a que os jornais do fim de semana deram estampa. Andará, segundo eles, o meu amigo a pagar quotas em massa com distribuição abundante de sistemas de pagamento. Recordo-me de ter denunciado práticas iguais durante a campanha de Luís Filipe Menezes e, na altura, declarei que essa manipulação de batota e caciquismo era um caso de polícia e não de política. E V. Ex<sup>a</sup> aplaudiu-me, que eu vi. Ora chegou ao poder, pelo menos desse poder reclama-se herdeiro, e lá está a proceder de igual forma. Fica-lhe bem e julgo que, mais uma vez, tenho de me penitenciar. Tem razão! Quem não conhece o valor do quilo de arroz, não pode conhecer os mistérios da alta política e esta manda que depois agarrar os cornos do poder, tudo aquilo que se aplaudiu é para fazer ao contrário. Alta Política! A minha admiração por V.Ex<sup>a</sup> sobe em cada dia de campanha que passa. Dizem-me que conseguiu com a sua grande capacidade doutrinária convencer um presidente de câmara a deixar de apoiar a outra candidatura a troco de um lugar de eurodeputado. O homem terá percebido a profundidade da sua doutrina e, de imediato, trocou de posto de combate. V.Ex<sup>a</sup> e meu distinto amigo, tenha piedade de mim e ajude-me a descobrir o panteão de divindades que habitam tão brilhante universo ideológico, pois seguramente serei o seu mais devoto apoiante. Dispensio lugares de ministros, secretários, eurodeputados, deputados, presidentes de câmara e outras prebendas que exigem o brilhantismo imposto por V.Ex<sup>a</sup>. Mas para que eu deixe esta autarquia e para que me suceda um PSD feito à sua imagem e semelhança, peço-lhe, imploro-lhe que me ensine o destino da metafísica política. Afinal de contas, quanto custa um quilo de arroz? Sobre a viagem de comboio entre o Entroncamento e Lisboa não vejo necessidade da sua resposta. Não quero subir tão alto. Mas o quilinho de arroz dava-me jeito.

Creia-me um seu humilde servo

Francisco Moita Flores